

ANUÁRIO 2020



QUINTA PARTE MEMÓRIA

Diante do fracasso das outras concepções de socialismo, o anarquismo pode, hoje, diante da história, reivindicar seu direito de desenvolver seu modelo na sociedade. É claro que isso só pode ser feito dentro da história, mas não do poder vigente, que deve ser derrotado, já que ele não cairá por conta própria. Em nossa concepção, esse poder deve ser combatido a sangue e fogo.

Juan Carlos Mechoso, Federação Anarquista Uruguaia (fAu)

2020 foi um ano de muita luta, mas ainda mais desafiador. A pandemia da Covid-19 atingiu em cheio nosso povo país afora, e impactou profundamente a realidade de todas e todos, em especial os de baixo, as pessoas na base da pirâmide social. O ano se encerra com quase 200 mil pessoas mortas pela doença (sabemos que os números reais são ainda mais altos), além de milhões afetadas pelo desemprego, pelo aumento da pobreza e da fome, e pelas diversas formas de violência do Estado.

Como militantes revolucionários anarquistas, não estivemos alheios a tudo isso, e desde o início nos mobilizamos nos locais de trabalho, estudo e moradia, nas quebradas das cidades lutando por Vida Digna, em mutirões de solidariedade, em manifestações exigindo políticas públicas ou denunciando a violência policial, pelo direito ao isolamento com condições dignas, e também no enfrentamento à extrema-direita nas ruas.

Um pouco da nossa luta e de nossa postura política em 2020 estão nesta cartilha, que resgata as notas da CAB divulgadas durante o ano. São mais de 50 textos que representam tanto posições imediatas frente à conjuntura, como o amadurecimento de reflexões

teóricas e políticas que fazemos há alguns anos. **Questões sobre a luta sindical, o antirracismo, o feminismo e as pautas LGBTQI+, a questão agrária e a resistência indígena, entre outras, estão materializadas nesse compilado de um ano de lutas.** Os textos também mostram o avanço de nosso internacionalismo, por meio da Coordenação Anarquista Latino-Americana, e por uma rede internacional de organizações anarquistas, localizadas nos 5 continentes.

São oito anos desde o congresso que fundou a Coordenação Anarquista Brasileira, e podemos dizer que, apesar das dificuldades, seguimos na reconstrução do anarquismo militante no país, fortalecendo as lutas do nosso povo, ao mesmo tempo em que trabalhamos na coordenação dos trabalhos entre as organizações e as frentes de luta. Com humildade e passos de acordo com nossas pernas, caminhamos ombro a ombro com as classes oprimidas na destruição desse sistema e na construção de uma nova sociedade!

Boa leitura!

8 anos de fundação

Coordenação Anarquista Brasileira



cabanarquista.org



Nos dias 08, 09 e 10 de Junho de 2012 realizávamos o congresso fundacional da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB). Após anos de articulação entre grupos e organizações anarquistas no Fórum do Anarquismo Organizado (FAO), **decidimos que era o momento de avançar no nosso projeto de construção de uma Organização Anarquista Especifista em todo o território brasileiro.**

A coordenação entre Organizações de diferentes regiões do país, **construindo unidade ideológica, teórica e estratégica**, foi o ponto de chegada e ao mesmo tempo de partida que encontramos para continuar nessa empreitada nada fácil que é a de enraizar o anarquismo enquanto ferramenta de luta e organização no meio da nossa gente, das classes oprimidas.

Coordenar nossa inserção a nível nacional em diferentes

frentes e lutas sociais, desenvolver nossa propaganda e luta ideológica, manter em dia uma leitura coletiva sobre as conjunturas e as correlações de forças para melhor nos posicionarmos enquanto minoria ativa e motor das lutas e organização do nosso povo. São alguns dos desafios a que nos propomos desde então.

Há muito chão para caminhar e muita coisa pra fazer.

E caminhamos convictos que só a auto-organização e autonomia das classes oprimidas pode criar um povo forte que destrua o sistema capitalista e construa novas relações e maneiras de organizar o funcionamento da sociedade.

CAB | 8 ANOS DE ANARQUISMO ESPECIFISTA! LUTAR. CRIAR! PODER POPULAR!

Leia os documentos aprovados em nosso Congresso de fundação e conheça um pouco mais sobre nossa Coordenação:

<http://cabanarquista.org/2014/05/15/congresso-da-cab-brasi>

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/06/13/08-anos-de-cab/>

MEMÓRIA

- **Contra a memória maldita de 1964: fora militares da política e das ruas!**
- **24 anos do Massacre de Eldorado do Carajás;**
- **Cecílio Vilar vive!**
- **Buenaventura Durruti - 124 anos;**
- **Lucio Urtubia, presente hoje e sempre!**
- **84 anos da Revolução Espanhola: seguimos lutando por um mundo novo!**
- **91 anos - Revolução na Manchúria;**
- **156 anos do nascimento de Fábio Luz;**
- **120 anos do periódico Regeneración;**
- **Nota de pesar - Pedro Casaldáliga;**
- **Memória, Rebeldia e Luta: 93 anos do assassinato de Sacco e Vanzetti;**
- **146 anos do nascimento de Ricardo Flores Magón;**
- **86 anos da Batalha da Sé;**
- **Mil dias sem Marielle: Genocídio do povo negro, terrorismo de Estado!**

CONTRA A MEMÓRIA MALDITA DE 1964

**fora militares da
política e das ruas!**

No dia primeiro de abril, dia da mentira (31 de março para os golpistas), há exatos 56 anos, forças militares ligadas ao empresariado brasileiro, ao imperialismo e aos setores mais reacionários da classe dominante operaram um golpe militar que jogaria o país numa longa noite de escuridão.

O golpe militar foi preparado anos antes, com recursos de duas instituições golpistas, o IPES e o IBAD, que com apoio explícito das agências de inteligência norte-americana, estimularam uma campanha de desestabilização do governo João Goulart. Para isso, **atizaram e financiaram as "Marchas da Família, com Deus e pela liberdade", jogando parte da classe média no colo da reação e do anticomunismo.** Com o discurso alarmista (e mentiroso) de que o país vivia sob a ameaça do "comunismo", organizaram campanhas que tinham como objetivo derrotar o bloco nacional-reformista representado por Jango e as demandas de parte da população brasileira, que exigia apenas reformas populares e mudanças sociais na profunda desigualdade social do país. O golpe representou o fim da conciliação de classes, formalizado na derrota do populismo de Jango e a evidência de que as classes dominantes brasileiras, periféricas e dependentes jamais admitiriam que os/as de baixo recebessem algumas migalhas que caíam da mesa.

Como sempre, a classe dominante brasileira, recorrendo às mentiras, à ignorância de um setor da classe média, ao reacionário alto comando militar e **à sanha da burguesia em aumentar a exploração sobre o povo, recorreu ao porrete para silenciar os movimentos organizados dos sindicatos, dos estudantes, dos camponeses e lutadores/as sociais.** Assim, se generalizou a tortura, as prisões, os assassinatos, os estupros nos quartéis, as ocultações de cadáver pelos "honrados" militares brasileiros e as agências de repressão. Um desses canalhas era o torturador e bandido Brilhante Ustra, o ídolo do atual presidente Jair Bolsonaro. Depois de 21 anos de ditadura, aumentaram a pobreza, a desigualdade social e o salário dos trabalhadores foi achatado. A classe dominante afogou a luta popular com sangue, mesmo com a valente rebeldia dos sindicatos, das organizações de luta armada e do movimento popular em geral.

Hoje, a natureza perversa do Estado, trocou de uniforme. Em meio a democracia burguesa, uma democracia que não serve para resolver os problemas de nosso povo, os militares financiam politicamente o presidente Bolsonaro. Um presidente que se nega a cumprir as resoluções da OMS, odeia a

ciência e não se importa com o destino e saúde de seu povo. Em nota deplorável, abjeta, o alto comando militar, em publicação do dia 30 de março, chama o golpe e a ditadura militar de “movimento de 64”. Invertendo a realidade, afirmam que o “movimento” reforçou a democracia, quando na realidade, a censura, a tortura, o arbítrio e o terrorismo de Estado foram práticas comuns dentro e fora dos quartéis. **Pagamos um preço muito alto por não termos punido todos os envolvidos com a ditadura militar brasileira e o golpe que a precedeu.** Temos, então, uma democracia burguesa repleta de práticas ditatoriais e com viúvas da ditadura fazendo política hoje, vivos e livres, comemorando, tal como Bolsonaro e Mourão, o podre regime inaugurado em 1964. Um dos resultados dessa ausência de acerto de contas é aceitar um presidente lunático que hoje ameaça assassinar seu povo, desprezando a pandemia do

coronavírus, e é um fã declarado da ditadura militar brasileira. Mesmo presidente que, apoiado pela burguesia mais inescrupulosa, rodeado de militares e políticos de extrema-direita, convocou no dia 15 de março manifestações que solicitavam um novo golpe militar, e em entrevista, quando perguntado se daria um golpe, disse que “quem quer dar um golpe não avisa”.

Que o povo não se engane! Quem fala em intervenção militar, ditadura ou militares na rua fala em repetir práticas da ditadura pra silenciar o povo e fazê-lo passar fome. Por isso dizemos bem alto: **Fora militares! Da política e das ruas! Não esquecer! Jamais Perdoar!**

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/03/31/contra-a-memoria-maldita-de-1964-fora-militares-da-politica-e-das-ruas/>

Golpe de 64

A natureza perversa do Estado trocou de uniforme

Abaixo a ditadura

Não esqueçamos!
Não perdoamos!



24 ANOS DO MASSACRE DE ELDORADO CARAJÁS:

**Contra a doença do capital e o
autoritarismo do Estado,
luta e organização popular**



Fazem 24 anos do dia de uma brutalidade em nossos territórios. Brutalidade que tem sido naturalizada, assim como a injustiça, Dia 16 de abril de 1996, na PA 150, município de Eldorado dos Carajás, uma fileira de camponesas e camponeses decide ir da fazenda Macaxeira, em Curionópolis, até a capital do estado do Pará, Belém, para pressionar o governo, que já tinha se comprometido a negociar com o INCRA, reivindicando a desapropriação da terra improdutiva. **O governo do estado havia prometido alimentos e ônibus, mas não cumpriu.** Então, no dia 17 de abril, as famílias decidem bloquear a BR no trecho da PA 150, conhecido como “Curva do S”. **O governo envia uma tropa da Polícia Militar, fortemente armada, oriunda do município de Parauapebas, comandada pelo Major Oliveira, composta de pistoleiros da região sudeste do Pará com apoio da Vale S.A e do Governador Almir Gabriel (PSDB/PA).** Quando chegaram ao local, o resultado foi 21 camponeses assassinados e 69 mutilados de forma covarde.

CHEGA DE VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS E POPULAÇÕES DO CAMPO

Um relatório da ONG britânica *Global Witness* revela que, no ano de 2018, dos 207 lutadores sociais que foram assassinados no mundo, 60% teve o seu triste fim na América Latina. A Amazônia é uma região do Brasil que possui um título inglório de campeã de mortes e perseguições de lutadores e lutadoras sociais. São exemplos destes dados as execuções de Irmã Dorothy e Dilma Ferreira e perseguições e ameaças de morte contra o Padre Amaro e Erasmo Alves Teófilo – realizadas pelo latifúndio.

Massacres como o de Colniza (MT) e Pau D’arco (PA) engrossam as fileiras de números tristes que resumem **várias perdas de mulheres e homens que tombaram para conquistar uma vida digna.**

Nós da Coordenação Anarquista Brasileira somos contra a violência promovida pelo Estado, empresas, latifundiários e mineradoras, contra o povo do campo. Já basta de violência!

Contra a política da morte: terra, água e pão para o povo!

Assim, desde 1996, a memória de Eldorado dos Carajás nos impulsiona para seguir na luta por reforma agrária popular, contra o latifúndio, a exploração dos bens naturais e o agronegócio, sendo dia 17 de abril o dia mundial da Luta Camponesa. Sabemos que há décadas a reforma agrária não é pautada pelos governos e poderosos, que só respondem a nossas exigências a partir de nossa organização e luta nos territórios. **Os governos PT, diferente do que nos querem fazer acreditar, não destinaram recursos suficientes para reforma agrária, pelo contrário, aliaram-se ao agronegócio mantendo acordos com a bancada ruralista no Congresso,** fazendo com que o governo sacrificasse não só o assentamento de famílias sem-terra, como também a demarcação de terras indígenas e a regularização de áreas de comunidades quilombolas. Além de manter as desapropriações a passos lentos, **os governos de conciliação de classes contribuíram para desmontar as lutas no campo com a cooptação de lideranças e a desarticulação das frentes de massas e ocupações de terras.**

Em 2018, Bolsonaro foi eleito com um plano de governo de criminalização e extermínio dos povos sem-terra, indígenas e quilombolas. Esse tempo com o governo genocida nos fizeram sentir de perto Carajás, com Luiz Antônio Nabhan Garcia na frente da Secretaria de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura. O homem de Bolsonaro para os assuntos agrários é o ex-presidente da União Democrática

Ruralista e tem sua história intimamente ligada a grupos paramilitares de violência contra os sem-terra. Luiz Nabhan deixou claro que não há diálogo com movimentos sociais e procura desfazer nossas lutas fechando acordos de conciliação com latifundiários que questionam no Poder Judiciário a desapropriação de terras por eles griladas. Além disso, abriu para a titularização individual de áreas de assentamentos, com o objetivo de individualizar a posse das famílias e permitir sua venda e arrendamento, o que nos coloca na mira da especulação imobiliária. Fez, ainda, propostas de mudanças nos critérios de desapropriação, tornando quase impossível o assentamento de nosso povo do campo.

AS POLÍTICAS GENOCIDAS E A PANDEMIA DA COVID-19

Tais políticas genocidas se tornam mais graves nesse contexto da pandemia da COVID-19. Até o fechamento desta nota, mais de dois milhões de pessoas no mundo estão contaminadas. O momento evidencia a urgência da questão fundiária no Brasil, a luta pela demarcação de terras indígenas e quilombolas e a reforma agrária popular contra a brutal concentração de terras no Brasil. Os povos e comunidades que vivem nas florestas e no campo, assim como camponeses, pequenos agricultores, pescadores artesanais e ribeirinhos, se entendem como parte da terra onde se reproduz a vida em comunidade, se produz alimentos e cultura. Por isso, semeiam e cuidam dos rios, nascentes, florestas e da biodiversidade. Buscam produzir alimentos de forma agroecológica, em equilíbrio com o meio ambiente, de forma coletiva com relações de apoio mútuo.

Porque assim se guarda também a memória e a cultura, presente nas sementes ancestrais que se reproduzem em formas de organização social mais justas, com base nas necessidades do povo.

Por outro lado, o modelo de morte do capitalismo para o campo, o agronegócio, concentra terras nas mãos de uma minoria que lucra com especulação; explora e escraviza trabalhadores do campo, drena as bases energéticas do planeta para o lucro de algumas empresas; gera desequilíbrio ambiental com o monocultivo extensivo de exportação de *commodities* e o uso indiscriminado de venenos, adoecendo quem produz e quem se alimenta; além de sistemas de confinamento de animais em massa ou formas de exploração do agricultor como a produção integrada, modelos industriais que contribuem, entre outros problemas, para a proliferação de doenças e epidemias. Ou seja, **o capital cria a crise e quer que o povo pague suas consequências.**

Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 se relaciona com todo este contexto provocado pelo capitalismo e o agronegócio. Ela evidencia o quanto este modelo só produz desigualdade social e destruição do planeta. Vejamos o aumento dos preços dos alimentos, a falta de acesso à comida e a fome em comunidades, periferias e favelas, aliado ao custo de vida alto e falta de empregos. Junto a isso, uma brutal concentração de terras, em que mais de cinquenta por cento das terras agricultáveis no país estão nas mãos de apenas 1% de latifundiários, e mais de 70% dos hectares são propriedade de uma burguesia agrária. Enquanto isso, uma maioria de pequenos

agricultores, camponeses pobres e sem-terra, estão em pouco mais de 20% dos hectares do país e produzem a maior parte dos alimentos consumidos pela população.

A concentração de terras e a consequente desigualdade social contribuem para o enorme número de pessoas que vivem nas periferias das capitais brasileiras, locais onde a pandemia da COVID-19 se dissemina com maior facilidade pelas condições sanitárias, muitas vezes, precárias e pelas dificuldades de isolamento. É importante a atenção de que foram pessoas periféricas as primeiras a morrerem pela pandemia no Brasil.

Nesse contexto, é grave também o avanço do garimpo e a ocupação de terras, já demarcadas, por grileiros e a invasão de assentamentos. Reforçado pelo Projeto de Lei 191/20 que viabiliza a exploração de recursos minerais, hídricos e orgânicos, em reservas indígenas. A morte de um adolescente de 15 anos pela COVID-19, do povo Yanomami, que vivia em aldeia próxima a garimpos ilegais no rio Uraricuera, em Roraima, alerta para os ataques aos povos indígenas em um momento como este da pandemia.

A extração de bens naturais (ferro, bauxita, água, petróleo, gás...) causa muitos danos no campo e nas cidades. As empresas de mineração provocam conflitos nos locais onde fazem a cava do minério e nas cidades mineradas. Estas, ficam refém das mineradoras porque as roças são contaminadas ou são substituídas pelos comércios que vêm em consequência da empresa. **A vida dos trabalhadores do campo é completamente afetada por toda a engenharia que vai da**

cava, passa pelos transportes do minério, até seu processamento e escoação em grandes navios.

A mineração artesanal, a de garimpeiros, também provoca conflitos no seio dos trabalhadores e trabalhadoras com quilombolas, indígenas e ribeirinhos. O estímulo do Governo Federal em consórcio com os políticos, fazendeiros e madeireiros locais, promove a corrida pelo ouro, causando morte e ferimentos nas comunidades, degradação dos rios e das florestas e a miséria de quem peneira a terra.

No estado do Pará, todos os acampamentos organizados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) estão sofrendo por medidas de reintegração de posse. **A Questão agrária se funde com a questão mineral por quem muitas das áreas, como os acampamentos dos Sem-terra e as diversas Unidades de Conservação, são alvos dos projetos de extração de minério ou seus complexos de empreendimentos** que contribuem para o funcionamento, como: linhas de eletricidade, hidroelétricas, siderúrgicas, trem, mineroduto e barragens.

Portanto, a luta pelas terras no Brasil é fundamental para a soberania alimentar e autodeterminação dos povos, na reprodução social e integração entre etnias e povos com base na ideia de bem viver, de acordo com interesses comuns e populares, e não apenas determinados pelo comércio, lucro, reproduzindo a exploração, o racismo e o patriarcado.

Porém, em meio a esta pandemia, estamos vivenciando importantes exemplos de organização popular e

solidariedade por parte do povo, das comunidades e dos movimentos sociais. Como a organização de redes de abastecimento e entrega de alimentos saudáveis e agroecológicos, mutirões de produção, campanhas de doação de alimentos para comunidades periféricas, ações de saúde, cuidado e de solidariedade campo-cidade.

A ORGANIZAÇÃO E LUTA DOS POVOS É FUNDAMENTAL

Que no 17 de abril reafirmemos a convicção com a luta contra as desigualdades no campo e nas florestas, contra os interesses do ultraliberalismo, nas formas do agronegócio, mineradoras, madeireiras, e toda forma de exploração, opressão e destruição. O capitalismo está em guerra contra o povo, e, por isso, é cada vez maior a necessidade de auto-organização dos povos, comunidades e movimentos sociais do campo para fazer frente aos crescentes ataques das políticas do Governo Bolsonaro. **São políticas que têm de fundo a lógica escravocrata estrutural de nosso país e que se intensificaram no atual governo, mas que também foram aplicadas nos modelos de conciliação de classes do petismo, que contribuiu em grande medida para desmontar as lutas populares no período passado.**

Por isso, defendemos um povo forte, movimentos populares com independência política e organizados desde suas bases. Construir poder popular em espaços e ferramentas de participação e acúmulo político do povo, como coletivos, mutirões, espaços de formação e educação e outras formas de ação direta. Só um povo organizado consegue colocar o nível das lutas sociais a

seu favor e não sucumbir em ciclos de avanço da ultradireita e do capitalismo, como o atual. O povo lutador latino-americano segue indo para cima dos opressores, como os povos indígenas no Equador, a resistência Mapuche no Chile e Argentina, e outros exemplos em nosso continente. **Os povos indígenas, quilombolas e camponeses, são como a espinha dorsal de nossas raízes de luta e resistência latino-americanas.** A memória das companheiras e companheiros que tombaram permanecem vivas para dar mais força e avançarmos rumo à transformação social.

**“NÃO GOSTO DA GUERRA, NÃO!
NÃO GOSTO DESSAS MATANÇAS
ONDE A FÚRIA DO CANHÃO
NÃO DEIXA NEM AS CRIANÇAS”**

**PEDRO CATALLO –
SAPATEIRO, LIBERTÁRIO, DRAMATURGO**

**SÓ O POVO SALVA O POVO!
GT AGRÁRIO DA CAB**

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/04/21/24-anos-do-massacre-de-eldorado-do-carajas-contra-a-doenca-do-capital-e-o-autoritarismo-do-estado-luta-e-organizacao-popular/>



CECÍLIO VILAR

VIVE!

Nesse momento em que a pandemia do coronavírus toca o mundo e mexe profundamente em nossas vidas pela curva sinistra de suas vítimas, iremos lembrar do companheiro Cecílio Vilar. Vamos recordar e pôr na ordem do dia a luta anticapitalista e libertária que une o passado e o presente nesta conjuntura trágica que nos invade.

Henrique Martins, vulgo Cecílio Vilar, era o mais velho de uma família operária que pode ser considerada como uma raiz forte do anarquismo na região sul do país. Um núcleo que teve o protagonismo das irmãs Martins. Entre elas, a jovem Espertirina, que carregava o buquê misterioso que revidou os carrascos do movimento grevista de 1917. Estava também o companheiro Nino, um tipo das batalhas, dos petardos e sabotagens, que lutou sem fronteiras na semana trágica argentina, quando foi apanhado pelo governo e devorado no inferno da Clevelândia na década de 20.

Cecílio pertence a uma geração de anarquistas nativos, criados e formados no interior do Rio Grande do Sul. Estudou com seus irmãos e aprendeu liberdade pelas aulas da professora Malvina Tavares, uma livre-pensadora de sua época. Tomou seu posto de vida e de luta no mundo do trabalho, como operário tipográfico dos bons.

Associado com outros companheiros, desenvolveu em 1909 o grupo

Solidário, uma tendência libertária na categoria dos gráficos. Fundou a União Tipográfica. Trabalhou em lugares de referência do seu ofício, como as oficinas do Jornal do Comércio ou como tipógrafo do Correio do Povo. Por força de perseguição judicial se mandou para o Rio de Janeiro, onde foi igualmente um ativo organizador classista no tempo que passou por lá. Empregou suas capacidades na FORJ (Federação Operária do Rio de Janeiro) e na COB (Confederação Operária Brasileira). Respeitado em todo o movimento operário, lhe foi confiada a delegação da Federação Operária de Alagoas no 2º congresso operário brasileiro. Com toda certeza falamos de um quadro nacional do anarquismo. Quando voltou para o sul, atuou no projeto da Escola Moderna, no sindicalismo de ação direta e em diferentes periódicos libertários. Esteve na linha de frente da histórica greve geral de 1917 que parou Porto Alegre por 5 dias. Orador escolhido para o comício da praça da Alfândega, **afirmava que o movimento operário estava moldado pelo tempo da luta e não pela conciliação.**

Aqueles dias terríveis de gripe “espanhola”, que até pouco tempo era um assunto considerado do passado, voltaram a ser lembrados, e junto a eles as angústias e incertezas que impõe a pandemia do nosso século, a Covid-19. É do humano reagir e processar com exemplos, casos e comparações, o

impacto que pode causar a peste que domina nosso mundo novamente. Em 1918, a militância da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul) atuava ombro a ombro com a classe operária e se engajava em campanhas solidárias para mitigar a fome e o sofrimento popular causada pela gripe "espanhola". E Cecílio Vilar, nosso querido combatente do socialismo libertário, foi pego pela peste e não teve saúde pra aguentar o seu golpe mortal. Faleceu muito jovem, em Passo Fundo, com 30 anos de idade. A mesma cidade do interior que estampa hoje no Rio Grande do Sul a ganância feroz dos patrões que nos chantageiam com a fome e com a doença da necropolítica que governa as classes de baixo.

Os operários da indústria da carne na região de Passo Fundo, da planta da BRF em Marau e Serafina Corrêa, foram ameaçados e obrigados a trabalhar doentes. O que resultou na contaminação de colegas de trabalho e familiares. A região tem alta incidência

de Covid-19, devido as taxas de casos e óbitos que são proporcionais à sua população, e sente as dolorosas perdas de entes queridos provocadas pela política criminal do sistema que sempre corta mais fundo no andar de baixo. Os patrões sobem no barco enquanto a classe trabalhadora e os setores mais populares se afogam na enchente e na tempestade.

Os donos da economia que empurram a classe trabalhadora para a insalubridade e a vala comum dos óbitos da Covid-19. Sabotadores da saúde pública. Carniceiros que põem o seu lucro acima da vida do povo. Que nunca aceitam perder o poder e a riqueza de suas propriedades pelo bem comum. É contra eles que lutamos!

Nuca te esqueceremos, companheiro!

Pela coletivização das riquezas e apoio mútuo pra mudar a vida!

Cecílio Vilar vive na luta anticapitalista de ontem, de hoje e de sempre!!

ANTICAPITALISMO!

Porque a pandemia da doença e da fome são duas caras do mesmo sistema de morte que governa os de baixo.



CECÍLIO VILAR
1888-1918

Para acesso à publicação em nosso site:

<http://cabanarquista.org/2020/05/12/cecilio-vilar-vive/>

DURRUTI

BUENAVENTURA

124 ANOS

**"O fascismo
não se discute,
se destrói!"**

NASCIDO EM 14 DE JULHO DE 1896.
SEMPRE PRESENTE EM NOSSAS MEMÓRIAS



CABANARQUISTA.ORG

Nasceu em 14 de julho de 1896 e começou a trabalhar como aprendiz aos catorze anos numa oficina mecânica. Posteriormente, trabalhou como mecânico montador numa ferrovia em León. Envolveu-se com as greves ferroviárias em 1917 e a partir do contato com a seção da CNT em Leon, ingressou nesta histórica central anarcossindicalista. Demitido por sua agitação grevista, fixou-se em Gijon, no norte da Espanha, onde conheceu e se aprofundou na ideologia anarquista. Logo depois dessa breve estadia, exilou-se na França, pois não conseguia trabalho e tinha se recusado ao serviço militar

obrigatório. Na França foi influenciado por Sébastien Faure, Louis Leccoin e Emile Cottin, que se tornaram seus amigos.

Ao retornar a Espanha, começou a trabalhar como mecânico em San Sebastián e ligou-se a um grupo anarquista intitulado "Los Justicieros". Ao mudar-se para Barcelona em janeiro de 1922, deparou-se com uma atmosfera de pesada perseguição sindical e os pistoleiros contratados pelos patrões agindo contra os sindicalistas, e matando operários nas ruas. Criou assim o grupo "Los Solidários", um grupo de ação direta armada que ligava-se



ao Comitê Nacional Revolucionário, sediado em Barcelona. Em 1923 foi justificado o cardeal Soldevila, membro do clero envolvido com os assassinatos de sindicalistas e operários.

Depois da prisão e morte de alguns membros dos Solidários, exilou-se novamente na França e, em 1924, Durruti parte para Cuba, junto de Ascaso, promovendo a agitação revolucionária. Passam por México, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Quando retornam para a França são presos e acusados de "complô contra o rei da Espanha, Alfonso XIII, que visitaria a capital francesa neste período. Uma campanha de solidariedade anarquista fez com que fossem libertados em 1927, mas quase nenhum país do mundo os aceitava em suas fronteiras. Permaneceu clandestino na França, onde conheceu o revolucionário Nestor Makhno. Foi preso novamente em solo francês, por seis meses. Passou pela Alemanha, tendo contato com Rudolph Rocker e pela Bélgica, onde permaneceu até abril de 1931, junto a Ascaso.

Retorna à Espanha em 1931 e é considerado por todos os operários como uma grande referência política e sindical. Envolveu-se em inúmeros conflitos sociais entre 1931 e 1936, onde foi preso e deportado inúmeras vezes. Em meio a luta sindical aguerrida e diante o golpe fascista, Durruti inspirou e colaborou ativamente com o iminente processo revolucionário espanhol. Trabalhou para armar os operários diante a ação da extrema-direita e quando a Revolução de 1936 estourou, organizou a coluna Durruti-Farras, que contava com dez mil homens. Durruti era o delegado político da coluna e Farras

o delegado militar.

Em todas as cidades e aldeias que a coluna Durruti-Farras passava, os fascistas eram expulsos à bala. Avançavam as coletividades agrícolas, a autogestão generalizada das fábricas e a auto-organização popular. Enquanto a coluna Durruti avançava, o governo republicano boicotava a luta popular e as milícias auto-organizadas dos trabalhadores.

Sua última participação na Revolução Espanhola foi na defesa militar de Madrid, onde participou ativamente nas batalhas contra os fascistas, de 14 de novembro até sua morte, no dia 19.

Após sua morte foi fundado o grupo Amigos de Durruti, reunindo militantes contrários à colaboração com o governo republicano, e favoráveis à realização imediata da revolução social, rompendo com a ordem burguesa e propondo uma Junta Revolucionária para coordenar melhor o processo revolucionário e a guerra. As posições hegemônicas dentro da CNT e da FAI porém irão manter-se recuadas e incapazes de impedir o golpe estalinista que terminaria por reprimir a revolução e assim causar a derrota frente ao fascismo.

Fonte: Abel Paz. Durruti: da revolta à revolução.

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/07/15/buenaventura-durruti-124-anos/>

LUCIO URTUBIA PRESENTE HOJE E SEMPRE!

LUCIO URTUBIA, PRESENTE!
1931 - 2020



Faleceu Lucio Urtubia, pedreiro, anarquista e expropriador.

Alguns de nós o conhecemos durante sua passagem em Porto Alegre em 2008, ocasião em que participou do Encontro Latino Americano de Organizações Populares e Autônomas (ELAOPA) e de atividade pública na sede da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), quando nos contou um pouco de sua vida e militância.

Lucio nasceu em fevereiro de 1931, em Cascante na Espanha. **O ofício de pedreiro e as ações anticapitalistas de falsificação de dinheiro e expropriação de bancos lhe acompanharam durante toda sua vida.** Sua marca também foi a da solidariedade a militantes e organizações revolucionárias.

Sua vida foi registrada em um documentário de 2007 chamado "Lucio".

Lembraremos sempre com carinho desse grande companheiro, pois Lucio viverá na continuidade da nossa luta. **A semente se foi, mas deixou germinando frutos de rebeldia e ação direta contra esse sistema de dominação que é o capitalismo.**

Que a terra lhe seja leve e fértil!

Lucio Urtubia Jiménez, PRESENTE!

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/07/18/lucio-urtubia-presente-hoje-e-sempre/>

84 ANOS DA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

seguimos lutando por um mundo novo!

Em 19 de julho de 1936, trabalhadores iniciavam a resistência à tentativa de golpe militar na Espanha, num contexto de ascensão do nazifascismo na Europa e do avanço das lutas da classe trabalhadora espanhola, que preocupavam industriais, proprietários de terras, Igreja e Estado. **Centenas de milhares de homens, mulheres e crianças tomaram os quartéis para pegar em armas e se defenderem, o que havia sido negado anteriormente pelo governo de Frente Popular, ainda considerado um governo burguês por socialistas e anarquistas.**

Tinha início um processo revolucionário com profundo impacto no país. Com uma grande tradição de luta do proletariado desde o século anterior, a classe trabalhadora na Espanha estava consciente de seu papel. Em 1936, a Confederação Nacional do Trabalho, anarcossindicalista, tinha entre 900 mil e 1 milhão de associados. Uma moção adotada em maio daquele ano deixava claras as intenções revolucionárias: **“Uma vez concluída a fase violenta da revolução, serão declarados abolidos a propriedade privada, o Estado, o princípio de autoridade, e por consequência,**

as classes que dividem os homens em exploradores e explorados, opressores e oprimidos. Uma vez socializada a riqueza, as organizações de produtores, enfim livres, encarregar-se-ão da administração direta da produção e do consumo”. Aliada estrategicamente com a Federação Anarquista Ibérica (FAI) e a Federação Ibérica de Juventudes Libertárias (FIJL), a CNT protagonizou o avanço revolucionário.

Já em julho tinha início o processo de coletivização das fábricas e do latifúndio: operários e camponeses tomaram para si a organização dos locais de trabalho, abolindo senhores e patrões na construção de uma nova sociedade. O processo revolucionário também contou com experiências de educação pública, gratuita e universal, comitês populares, transformações culturais e lutas pela emancipação feminina.

O exercício do poder popular foi sufocado pelos esforços necessários na guerra civil contra o golpismo fascista. Também podemos destacar a postura vacilante da CNT, e mesmo a falta de uma forte organização política anarquista que pudesse dar mais sustentação à confederação. Mas a derrota para Franco, em 1939, teve papel

preponderante das potências internacionais. A Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini apoiaram diretamente os militares. Já as potências “democráticas” como Grã-Bretanha, França e EUA adotaram uma posição de “neutralidade”, sem dar qualquer apoio aos revolucionários. **A União Soviética, comandada por Stálin, defendia a estratégia da Frente Popular e de uma aliança com as potências ocidentais, e em dado momento adotou um papel contrarrevolucionário, incentivando a perseguição às milícias populares e aos**

comitês de trabalhadores.

A guerra destruiu o processo revolucionário, mas a experiência espanhola mostrou toda a capacidade do povo trabalhador de tomar em suas mãos o processo de transformação social, colocando em prática os princípios socialistas e libertários a serviço da emancipação. **Resgatar a memória da Revolução é tarefa fundamental para nós, anarquistas, na construção de um mundo novo!**

**Viva a luta popular!
Viva a Revolução Espanhola!**



Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/07/19/84-anos-da-revolucao-espanhola-seguimos-lutando-por-um-mundo-novo/>

91 ANOS REVOLUÇÃO NA MANCHÚRIA

Neste 21 de julho se completam 91 anos da proclamação da Assembleia do Povo Coreano na Manchúria, ferramenta administrativa criada por camponeses e colonos coreanos junto a soldados do exército de independência da Coreia na região leste da Manchúria (atual província de Heilongjiang, na China), no marco da resistência à invasão imperial japonesa. Esse fato sem precedentes para a região foi impulsionado principalmente pelo anarquismo organizado na Federação Anarco-Comunista da Coreia e contou com a participação de mais de um milhão de pessoas em uma área do tamanho da província de Rio Negro (Argentina).

Algumas de suas referências – Kim Jong-jun, Kim Jwa-jin e Lee Hwae-young, entre outros – além de figuras emblemáticas do anarquismo coreano, chegaram a ser reconhecidos anos depois como heróis da independência da Coreia.

Neste processo revolucionário não só chegaram a ensaiar formas administrativas de sociedade baseada na proposta de “Não Governo” – o que incluía o federalismo e antiestatismo – como também se desenvolveu um sistema de produção rural moderno, tecnificado e cooperativo. **Os constantes ataques do estalinismo**

pela retaguarda e do império japonês na frente oriental teve como consequência a derrota definitiva do sonho libertário ao fim de 2 anos e meio.

Para entender mais, artigo: “Revolução Anarquista na Coreia: a Comunidade de Shimin (1929-1932)”, de Emilio Crisi: <https://ithanarquista.wordpress.com/2015/07/30/emilio-crisi-revolucao-anarquista-na-coreia/>

Livro: “Revolução Anarquista na Manchúria”, de Emilio Crisi: <https://editorafaisca.wordpress.com/2019/09/13/lancamento-emilio-crisi-revolucao-anarquista-na-manchuria-1929-1932/>

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/07/21/91-anos-revolucao-na-manchuria/>



Federação Anarquista do Leste em 1928

Fábio Luz

31 | 07 | 1864 - 09 | 05 | 1938

**Anarquista, médico, escritor e fundador dos periódicos
A Luta Social e Revolução Social**



Há 156 anos, em 31 de julho de 1864, nascia em Valença, Bahia, Fábio Lopes dos Santos Luz ou simplesmente Fábio Luz. Ele foi médico, jornalista, escritor e professor e faleceu a 9 de maio de 1938 no Rio de Janeiro, sendo um dos mais destacados militantes na história do movimento anarquista na cidade.

Filho de um funcionário público e de uma professora, já na juventude indignou-se ao ver o pai registrar a venda de escravos e com a violência de policiais negros contra outros negros escravos. Tornou-se, então, abolicionista e, logo em seguida, republicano, pois acreditava que a república levaria a uma situação de justiça social. Durante seu curso de medicina, descobriu, em uma livraria de Salvador, o livro Palavras de um Revoltado de Kropotkin, o que o levou ao anarquismo. No entanto, Fábio Luz só viria a descobrir a existência do anarquismo organizado no Rio de Janeiro no início do século XX.

Sua mudança para a então ainda capital do Império ocorreu em 1888, logo após sua formatura em medicina,

quando defendeu a tese Hipnotismo e Livre Arbítrio, considerada por alguns como precursora das teorias psicanalíticas. Exercendo as funções de médico higienista e, a partir de 1893, as de inspetor escolar, Fábio Luz entra em contato com os graves problemas sociais da população carioca. Por volta de 1902, com um grupo de intelectuais que se junta ao movimento anarquista, passa a fazer propaganda em portas de fábricas e locais operários. Em 1903, lança o romance O Ideólogo, produto desta convivência com os oprimidos da cidade, tornando-se um dos precursores do romance social no Brasil, juntamente com o escritor mineiro e também anarquista Avelino Foscolo.

Em 1904, Fábio Luz é dos que lutam pelo estabelecimento de uma Universidade Popular de Ensino Livre de que será professor e onde manterá consultório médico para atendimento aos alunos daquela iniciativa educacional. Em seu exercício da medicina ele também manterá consultório no Méier, onde reside e onde, atualmente, há uma rua

com seu nome, pelo qual será conhecido pelos pobres do bairro, do Engenho Novo e de outros subúrbios como um médico que os examina gratuitamente e ainda lhes fornece dinheiro para a compra de remédios. Luz promoveu campanhas a favor da higiene nas fábricas, locais de trabalho, restaurantes, bares e cafés, tendo proferido conferências e escrito nos jornais a respeito, como o folheto *A Tuberculose do Ponto de Vista Social*, de 1913, em que mostra como as condições de trabalho insalubres por descaso dos capitalistas levam à proliferação daquela doença entre os trabalhadores. Ainda em sua própria casa, Luz ministrará, informalmente, curso de idiomas a operários para que estes possam ter acesso a obras de alcance sociológico e cultural,

impressas em outras línguas.

1906 é o ano da publicação de outro romance seu, *Os Emancipados*, que dará nome a um importante grupo anarquista a que ele estará filiado. Sua atividade como conferencista será enorme nos sindicatos livres e eventos operários durante toda a sua existência. Em 1915, a publicação de *Elias Barrão* o consagra como escritor social. Porém, Luz também envereda pela literatura infantil escrevendo livros como *Memórias de Joãozinho* e *Leituras de Ilka e Alba* em que procura passar valores éticos e sociais às crianças.

Como professor, lecionou no Colégio Pedro II (francês, português, história e latim). Em colégios e centros de estudos sociais ensinou História do

“A tuberculose é a síntese de todos os males sociais; nas condições atuais da sociedade, pensar em dominá-la ou sequer restringir seu campo de ação, é uma utopia, pois que, estando irmanada e sendo a resultante da própria organização dela, só será debelada com a reforma total de suas bases e fundamentos, sobre outros moldes mais igualitários e mais humanos.”

cabanarquista.org



Fábio Luz

31 | 07 | 1864 - 09 | 05 | 1938

**Anarquista, médico, escritor e fundador dos periódicos
A Luta Social e Revolução Social**

Brasil, História Natural e Higiene. Dirigiu o Ateneu, depois Liceu Popular de Inhaúma e foi professor de Artes e Ofícios na Escola Orsina da Fonseca.

Em 1920, sua colaboração no jornal anarquista diário Voz do Povo levou-o à prisão, após a invasão e o empastelamento daquela publicação pela polícia. Tal fato motivou a reorganização do grupo Os Emancipados. Secretário-Geral do recém-fundado PCB, Astrojildo Pereira tenta ridicularizar a figura de Fábio Luz, ao que este responde “às infantilidades do sr. Astrojildo” que “nosso ditador já exerce as funções de um pontífice bolchevista religioso; assim é que, inspirado pelos divinos poderes bolchevistas, nomeia bispos e cria igrejinhas”. Em 1922, ano desta polêmica com Astrojildo, Luz estará à frente dos jornais anarquistas Luta Social e Revolução Social. Como jornalista, além da imprensa anarquista do Brasil e de outros países, colaborou também na imprensa comercial, tendo exercido as funções de crítico

literário, sendo seus artigos recolhidos em diversos livros como A Paisagem no Conto, na Novela e no Romance (1922), Estudos de Literatura (1927), Ensaios (1930) e Dioramas (1934).

Em homenagem a este lutador social, tão injustamente esquecido pela historiografia oficial e literária, seu nome foi colocado, em 2001, em uma mais do que merecida homenagem, à Biblioteca Social que funciona no Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro, à rua Torres Homem 790, em Vila Isabel. Fábio Luz também foi homenageado como nome de uma rua no bairro do Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro.

(Adaptação de texto publicado, originalmente, no informativo Libera #140 da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ), em 2008)

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/07/31/156-anos-do-nascimento-de-fabio-luz/>

120 ANOS 7 de agosto, 1900 REGENERACIÓN

Há 120 anos nascia um importante instrumento de propaganda, agitação e denuncia da classe trabalhadora mexicana, o *Regeneración*. Esse jornal que faz parte de uma série de outros veículos construídos por anarquistas, no passar do tempo, com o objetivo de informar e propagar o ideal de luta e organização dos de baixo.

IRMÃOS FLORES MAGÓN

Filhos de Margarita Magón e Teodoro Flores, Jesús, Ricardo e Enrique Flores Magón tiveram participação fundamental na construção e funcionamento do periódico *Regeneración*. Jesús (1871-1930) era irmão mais velho, Ricardo (1873-1922) o "do meio", e o Enrique (1877-1954) o mais novo. Nasceram no México, especificamente, em Oaxaca, na década de 1870.

RICARDO FLORES MAGÓN

Cipriano Ricardo Flores Magón que estudou jurisprudência e começa a trabalhar como tipógrafo e redator no jornal *La Oposición*, ganha destaque não só como fundador e redator do *Regeneración*, mas também como influenciador das ideias de organização e luta no Partido Liberal Mexicano (PLM), ao qual integra em 1901.

PORFICIO DÍAZ, O PORFIRIATO

No ano de 1876, iniciou o regime do militar Porfirio Díaz (1830-1915), um período intermitente que foi apelidado como porfirismo ou porfiriato e durou 30 anos. Os sintomas do porfiriato eram a exploração das trabalhadoras

e trabalhadores no campo e da cidade, concentração das riquezas, uma educação precarizada ao povo pobre e fortalecimento político e econômico das famílias latifundiárias e de empresas estrangeiras. Foi assim que Díaz criou a classe mandatária e subalterna mexicana aos interesses estrangeiros. Modelo de regime político comum na América Latina e Caribe.

REGENERACIÓN

Em 7 de agosto de 1900, fundado pelos irmãos Flores Magón, nasce o primeiro número do *Regeneración*. Apresentado como um "jornal jurídico independente" com uma escrita agressiva com temperos de ironia. Tiveram tiragens de 30 mil exemplares focando sua distribuição para as mãos dos trabalhadores.

Os irmãos Magón atribuíam ao ofício do periódico uma maneira de revelar ao povo sofrido do México as perversidades cometidas pelo regime de Porfirio e estimular o combate frente a essas medidas que sucateavam a vida dos mais pobres. Dessa forma, o jornal tornou-se um meio para aglutinar contestadores da classe do povo contra o ditador. Por conta de suas publicações e seu alcance aos de baixo, o jornal sofreu repressão das forças de Díaz. Em 1901, as oficinas onde eram impressos os periódicos foram fechadas e os irmãos Flores Magón ameaçados de morte e, meses depois, presos.

Nos Estados Unidos, os irmãos Magón

se exilaram, mais especificamente no estado do Texas. Depois de um intervalo de publicação pelos fatos ocorridos, o jornal retorna. Em 5 de novembro de 1904, inicia-se a retomada do *Regeneración* com o lançamento de um jornal com a numeração n.01. Nesse novo momento do periódico que se coloca como um "jornal combativo", largando seu primeiro momento como "jurídico", os discursos ficam mais agressivos contra o regime político de Porfirio.

As publicações de enfrentamento a Díaz e auxiliando na construção da revolta do povo ao porfiriato fizeram com que as oficinas do jornal fossem destruídas pelas forças de Díaz, em 12 de outubro de 1905, somando mais um momento de desarticulação e rearticulação dos membros impulsionadores do periódico.

Na primeira quinzena de fevereiro de 1906 são retomadas as publicações

do *Regeneración*. Nesse período, o território mexicano está passando por conjunturas de efervescência de lutas, como as greves de Cananea (1906) e Rio Blanco (1907). Essas ocorridas pela precarização das condições de trabalho, insalubridade da vida, que se agrava mais em 1907. Nesse ano, a crise econômica, gerada pela queda dos preços do cobre e demais metais extraídos no México, leva a demissões em massa dos trabalhadores das minas, principalmente, em Hidalgo, Durango, Chihuahua e Sonora, norte do país. Períodos intensos de publicações do *Regeneración*, assim, como nos anos da Revolução Mexicana (1910-1920).

Ao longo de seu tempo intermitente de publicação, causado pelas perseguições, o jornal foi um veículo importante dos de baixo. Teve vários colaboradores e impulsionadores, como:

120 ANOS 7 de agosto, 1900
REGENERACIÓN

Regeneración. PERIÓDICO JURÍDICO INDEPENDIENTE

" Procuramos despertar as energias que estão ocultas e não se manifestam por um medo injustificado "

(REGENERACIÓN, 7 DE AGOSTO DE 1900, TOMO I, N° I)

COORDENACIÓN ANARQUISTA BRASILEIRA
CAB

cabanarquista.org

os irmãos Juan e Manuel, Práxedes Guerrero, Librado Rivera e Antonio Villarreal que escreveu um importante artigo de agitação do período das greves citadas acima, chamado "Mexicano: seu melhor amigo é um fuzil" (*tradução nossa*). Foi solicitada a expansão do *Regeneración* por Emiliano Zapata, em Morelos. Também, por meio deste jornal, que se articularam contatos e publicações com demais periódicos e círculos anarquistas no continente Americano e Europeu.

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/08/07/120-anos-do-periodico-regeneracion/>

NOTA DE PESAR, PEDRO CASALDÁLIGA

**"Ser o que se é, falar o que se crê,
crer no que se prega, viver o que
se proclama até as últimas
consequências"**

Pedro Casaldáliga

Em plena pandemia da COVID-19, com mais de 100 mil óbitos, no dia 8 de agosto de 2020, em São Paulo, em grande lamento perdemos Pedro Casaldáliga aos 92 anos, o bispo emérito de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso.

Catalão, chegou ao Brasil em janeiro de 1968, em plena ditadura militar AI-5, aprendeu com nossa gente o Brasil de resistências e lutas populares e se converteu latinoamericano. Desde então nunca mais voltou para a Espanha. Sofreu ameaças e intimidações, mas sempre demonstrou firme

convicção e seguiu com seus princípios até a morte. Lutou em defesa dos pobres da terra, quilombolas, povos indígenas, camponesas e camponeses. Lutou contra o trabalho escravo, a violência do Estado, do agronegócio. Construiu projetos de vida ao lado das pessoas e da natureza, defendeu uma espiritualidade libertadora e macro ecumênica.

Pedro Casaldáliga foi uma pessoa que andava ao lado do povo, das pessoas oprimidas, exploradas, escravizadas, desumanizadas, violentadas e silenciadas. Pedro nos ensinou que o que nos

une em solidariedade e comunhão é a própria luta em defesa da vida. De todas as vidas. É necessário ouvir Pedro. Seu testemunho de resistência não será esquecido.

**Que a terra lhe seja leve,
companheiro.**

Pedro Casaldáliga vive!

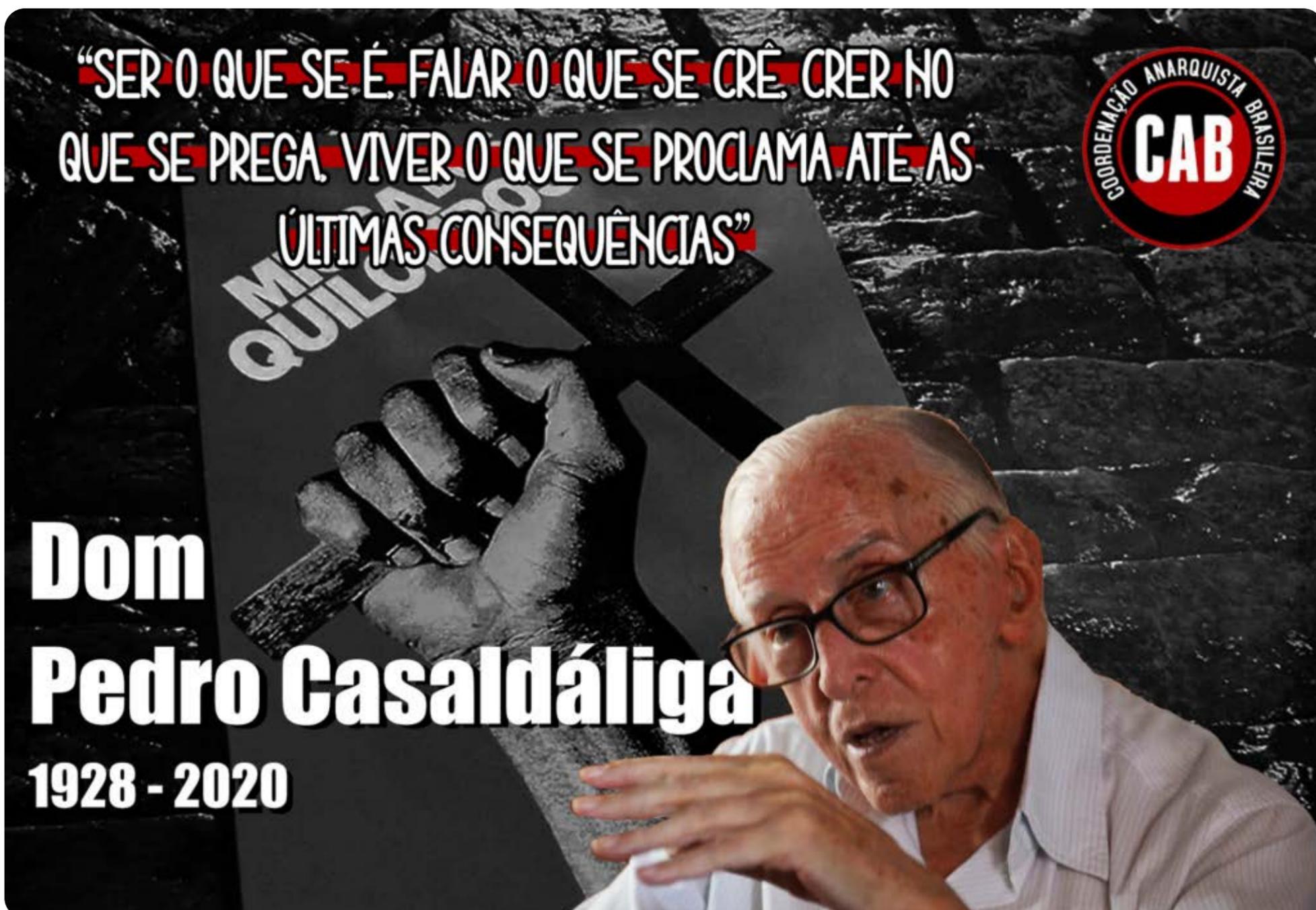
Reproduzimos, no link abaixo e completo em nosso site, uma entrevista feita com Pedro em 1998 e que se mantinha inédita até o dia anterior a sua morte.

A entrevista foi publicada em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/08/07/d-pedro-casaldaliga-todo-opressor-e-obsessivo.htm?cmpid=copiaecola>



Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/08/11/nota-de-pesar-pedro-casaldaliga/>



MEMÓRIA, REBELDIA E LUTA

93 anos do assassinato de SACCO & VANZETTI



No dia 23 de agosto de 1927, **Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti** eram executados pelo Estado opressor e assassino dos Estados Unidos da América. A execução ocorrera sete anos após a prisão, sete anos de torturas e injustiças. Imigrantes italianos, os dois se conheceram nos círculos anarquistas ítalo-americanos, dedicando-se à luta por melhores salários e condições dignas de trabalho. Sacco e Vanzetti atuavam com afinco, participando de greves, manifestações, comícios; razão pela qual logo tiveram seus nomes inseridos nas fichas policiais. Em 20 de maio de 1920, os dois são presos pouco antes de um comício anarquista; a acusação era de que teriam assaltado uma empresa na região de Boston,

bem como assassinado dois homens da mesma empresa. **O Estado montou, então, um processo criminal absurdo e sem provas, mantendo a acusação mesmo quando um outro preso confessara a autoria dos assassinatos.** Os sete anos de prisão também foram marcados por uma intensa campanha em defesa da libertação de Sacco e Vanzetti. Contudo, o Estado foi implacável e usou a condenação como punição e “exemplo” para os demais trabalhadores do país. Um processo tão frágil juridicamente apenas mostrou o real motivo da perseguição, como o próprio Vanzetti declarou em carta ao filho de Sacco: **se nos executarmos será “porque éramos pelos pobres e contra a exploração e opressão do homem”, por ser Anarquista.**

O assassinato de Sacco e Vanzetti nos remete a um outro processo forjado para liquidar anarquistas no Estados Unidos, a execução dos mártires de Chicago. Como apontava Lucy Parsons, o Estado, “a imprensa capitalista”, o “púlpito”, a polícia, um júri lotado, e “juízes preconceituosos” agiram conjuntamente para executar líderes anarquistas de Chicago” (citado em Quem é Lucy Parsons, de Casey Williams). Também nesse caso, foi montado todo um processo sem provas concretas para culminar em

assassinato judicial. Assim como esses exemplos, muitos outros marcaram a história de diversos anarquistas pelo mundo. **O Estado sempre criou esses casos como formas de aniquilar nossa ideologia e instaurar o medo, tratando anarquistas como terroristas, impondo uma visão que serve para a manutenção do estado de exploração e desigualdades.**

Para além da história de luta e coragem, lembrar Sacco e Vanzetti, nesse 23 de agosto de 2020, 93 anos depois, nos leva a uma reflexão sobre nosso próprio tempo. Ainda vivenciamos uma série de perseguições e caça a anarquistas. São inúmeras as prisões e perseguições a anarquistas pelo mundo; pela estrutura judiciária do Estado, esses presos nunca serão compreendidos como presos políticos, cabendo a nós mostrarmos e defendermos essa perspectiva.

No Brasil, desde 2013, o anarquismo voltou a ser posto em foco. As jornadas de junho/julho, as mobilizações durante a Copa, as diversas greves mais combativas e as movimentações nas favelas, reabriram uma velha ferida silenciada e escondida pelo Estado; a de que **o Estado tem por princípio a caça, a perseguição e a repressão de qualquer embrião de levante ou ameaça à sua estrutura.** Não foram à toa as invasões às sedes anarquistas, a criminalização pela mídia, as prisões. A reformulação do Plano de Segurança Nacional, apontando manifestantes como terroristas, e o projeto de lei que busca proibir o fechamento de vias públicas por protestos marcam, mais uma vez, a posição do Estado como opressão e repressão.

Representam um sério risco para o travamento da luta, além de maiores dificuldades de organização e mobilização. Não temos dúvidas de que tais leis abrem brechas para, novamente, prenderem e acusarem anarquistas como terroristas.

Se somos taxados de sonhadores, românticos, utópicos, pessoas que acreditam em algo que não pode ser colocado em prática, por que nos caçam tanto? Por que tantas perseguições, tanto alarde por conta de qualquer movimento dos anarquistas? Para nós, só podemos responder que o Estado compreende que questionamos e ameaçamos sua estrutura, que queremos a destruição do Estado e do sistema que explora. Mais do que isso, compreendem que sobrevivemos ao tempo, mesmo sendo perseguidos, presos, assassinados; compreendem que nos organizamos e veem que temos força para a luta e que nossa luta é, realmente, com os/as de baixo.

Sacco e Vanzetti representam a força e a coragem anarquistas; e sua história mostra como o Estado age, significando uma aprendizagem para nós anarquistas ainda hoje. Que essa história esteja sempre viva e seja as sementes de nossa coragem e garra para a luta!

Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti?

Presentes Presentes Presentes!

Se siente, se escucha, arriba los que luchan!

Adaptada de publicação feita pela Rusga Libertária, em 23 de agosto de 2015.

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/08/23/memoria-rebel-dia-e-luta-93-anos-do-assassinato-de-sacco-e-vanzetti/>

"Não são os rebeldes que criam os problemas do mundo, são os problemas do mundo que criam os rebeldes"

RICARDO FLORES MAGÓN

RICARDO FLORES MAGÓN



cabanarquista.org



146 ANOS DO NASCIMENTO

Em 16 de setembro de 1874 nasceu Ricardo Flores Magón, anarquista e uma das principais referências da Revolução Mexicana. Atuou no Partido Liberal Mexicano, que se radicaliza nos primeiros anos do século 20, responsável por várias lutas antes e durante o processo revolucionário. **Em suas publicações e lutas, Flores Magón combateu a ditadura de Porfírio Díaz, denunciou a tirania latifundiária, e defendeu os trabalhadores do campo, os operários e os indígenas.** Influenciou a luta de Emiliano Zapata e do exército camponês e indígena que expropriou latifundiários.

Uma breve biografia de Ricardo Flores Magón pode ser lida aqui: <http://anarkismo.net/article/4187>

"A ditadura da burguesia ou do proletariado é sempre tirania e a liberdade não pode ser alcançada por meio da tirania."

Ricardo Flores Magón
1874-1922



Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/09/17/146-anos-do-nascimento-de-ricardo-flores-magon/>

86 ANOS

BATALHA DA SÉ

A REVOADA DOS GALINHAS VERDE

Há exatos 86 anos, no dia 7 de outubro de 1934, **a classe operária paulistana enfrentou o fascismo de punho fechado e de cabeça erguida.** No episódio que ficou conhecido como a "Batalha da Sé" ou a "Revoada dos galinhas-verdes", os trabalhadores organizados, encabeçados principalmente pela *Federação Operária de São Paulo* (FOSP), botaram para correr debaixo de tiros e de muita porrada os integralistas liderados por Plínio Salgado.

Naquele dia, foi marcada pela *Ação Integralista Brasileira* (AIB) uma marcha na Praça da Sé, no Centro da capital paulista. A polícia paulistana, sabedora da animosidade entre fascistas e antifascistas, cercou a praça, colocando barreiras nas ruas que desembocava, naquele espaço público, de modo a impedir o acesso a quem não participaria da marcha. Obviamente, o comando das forças policiais era majoritariamente simpatizante do integralismo, assim como o contingente policial, acostumado há décadas a reprimir o movimento operário e anarquista.

Ao mesmo tempo que chegavam a praça os galinhas-verdes e suas

famílias, muitas vindas de trem do interior do Estado, animadas pela oportunidade do encontro fascista e de ouvir suas lideranças, colunas operárias afluíam em direção à Sé, reunindo-se nas ruas laterais bloqueadas pela polícia.

A praça estava repleta, com mais de 5 mil integralistas eufóricos com o início do ato. Naquele mesmo momento, um grupo de anarquistas, liderados pelo sapateiro Juan Pérez Bouzas e pelo ucraniano Stepanovich, toma um ninho de metralhadora postado na torre da Catedral da Sé, então em construção. Um deles engatilha a metralhadora de tripé e dispara várias rajadas sobre a cabeça da fascistada, provocando pânico generalizado na praça. Nas ruas laterais, **os trabalhadores aproveitando a perplexidade da polícia, rompem os bloqueios e irrompem na praça empunhando porretes e algumas armas, iniciando um conflito de grandes proporções.**

As famílias dos "cidadãos de bem" integralistas, corriam desesperadas sem saber para onde. Muitos "corajosos" militantes fascistas tupiniquins deixaram para trás suas esposas e filhos

e, segundo contava o sapateiro anarquista Antonio Martinez, lá presente, tiravam suas camisas verdes e as jogavam na sarjeta, ficando apenas de camisetas.

A multidão de galinhas-verdes, com escoriações generalizadas e penas faltando, rumou cabisbaixa para suas casas e para a estação ferroviária da Luz, ansiosas por retornar rapidamente para suas cidades do interior. Sentiram na pele, pela primeira vez, as agruras da luta política e social, nas mãos da classe operária combativa e endurecida, acostumada aos embates com a repressão. Um grande número dessa "gente de bem", humilhada, nunca mais voltaria a participar de um ato político. Começava a derrocada do integralismo, que teria seu estertor no frustrado Levante Integralista de 11 de novembro de 1937 no Rio de Janeiro, quando os camisas-verdes tentaram derrubar Getúlio Vargas. Dos 150 integralistas que haviam se prontificado a tomar o Palácio Guanabara e prender Getúlio, apenas 30 compareceram. Muitos pularam dos caminhões no

trajeto rumo ao Palácio, o que salvou suas vidas, pois diversos que lá chegaram foram sumariamente fuzilados pelos militares. A tentativa de golpe foi derrotada pelas forças do governo, mais de 1.500 integralistas foram presos e Plínio Salgado exilou-se em Portugal.

Nos últimos anos, historiadores marxistas vêm tentando atribuir o protagonismo dos episódios na Praça da Sé à Frente Única Antifascista (FUA), hegemonizada pelos marxistas e socialistas, ou a uma ação conjunta das esquerdas, de modo a diminuir a presença anarquista naquele episódio. Mas quem de fato protagonizou o conflito que desbaratou a marcha fascista foram os operários da FOSP e os corajosos militantes anarquistas que empunharam a metralhadora e provocaram a "Revoada dos galinhas-verdes".

O operariado organizado em 7 de outubro de 1934 nos ensinou como lidar com o fascismo. Recordemos seu exemplo e sua memória.

Indicamos abaixo dois materiais que

JORNAL DO POVO
ANNO I Rio, quinta-feira 10 de Outubro de 1934

Um integralista não corre: vôa.

**ANAUÊ, ANAUÊ!
PREPARA AS PERNAS PRÁ CORRER!**

86 ANOS DA BATALHA DA SÉ

A PLEBE
Sabado, 15 de Outubro de 1934 Nova fase - Ano II - N. 75

Repelindo ameaças fascistas
Mais uma vez, numa demonstração de coragem e de idealismo, o proletariado de S. Paulo se...

CABANARQUISTA.ORG
COORDENADORIA ANARQUISTA BRASILEIRA CAB

abordam o episódio:

A Militância de Ideal Peres.

<https://bit.ly/2NxNaGc>

A Revoada dos Galinhas Verdes – Uma História da Luta Contra o Fascismo no Brasil.

<https://bit.ly/2zXEw06>

**Viva o 7 de outubro!
Morte ao fascismo!**



Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/10/07/86-anos-da-batalha-da-se/>

MIL DIAS SEM MARIELLE
GENOCÍDIO DO POVO NEGRO,
TERRORISMO DE ESTADO!

Completaram-se mil dias do assassinato político de Marielle Franco e de Anderson Gomes, e além da impunidade e lentidão das autoridades em apontar os mandantes do crime, vemos como o genocídio do povo negro e o terrorismo de Estado seguem a todo vapor.

Na última sexta-feira, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, as primas **Emily Victória** e **Rebeca Beatriz** foram mortas por “bala perdida” em uma abordagem da polícia militar na rua da casa onde moravam. **As meninas tinham 4 e 7 anos de idade.** Na zona leste de São Paulo, uma

manifestação no sábado pedia justiça para **Wenny Sabino**, de **18 anos**, executado por **PMs** na frente de **dois adolescentes e duas crianças.** Em São Félix, no Recôncavo Baiano, **policiais assassinaram o barbeiro Davi Oliveira**, de **23 anos**, na madrugada de domingo, **deixando uma viúva e uma criança orfã.**

Na **véspera do 20 de novembro**, em Porto Alegre, **João Alberto Silveira Freitas** era assassinado por **seguranças do Carrefour.** Também em Porto Alegre, nesta terça, dia 08, a promotora legal popular **Jane Beatriz Silva Nunes**, de **60 anos**,

morreu após abordagem da Brigada Militar do estado.

De norte a sul do País, crianças, jovens, adultas e adultos são assassinadas/os pelo Estado e pelo Capitalismo. Quase todas as vítimas são negras, evidenciando o racismo estrutural que permeia nossa sociedade, de forma brutal.

Nos solidarizamos às/aos parentes e amigas/os das vítimas do projeto genocida do País, **e cerramos punho junto ao povo nas lutas por justiça e pelo fim desse sistema que nos quer exterminar.** Resgatamos nota da CAB de 15 de março de 2018:

“Os assassinatos de Marielle e de Anderson representam uma ação orquestrada por um Estado Terrorista e Genocida, que não usa máscaras para dizimar o povo negro e para enviar um recado a todos e todas que se colocam contra o massacre desenfreado promovido nas periferias. Não é coincidência ou um erro da Política de Segurança Pública do Estado a morte da companheira em plena vigência da intervenção federal-militar. O avanço da repressão, através da medida, é que autoriza esse novo e profundo passo do terrorismo de estado. Trata-se de uma ação claramente bem arquitetada: nove tiros contra o veículo, um caso explícito de execução sumária de uma lutadora do povo. **O Estado, o capitalismo brasileiro e suas instituições seguem funcionando, com seu perfil histórico de manutenção das desigualdades estruturais e de perpetuação direta ou indireta da barbárie.**”

Para acesso à publicação em nosso site:

<https://cabanarquista.org/2020/12/09/mil-dias-sem-marielle/>

